

J O S É P I R E S D E L I M A R E B E L L O

JOSÉ PIRES DE LIMA REBELLO nasceu aos 24 de SETEMBRO de 1887 na pequena cidade de Barra do Marataóã, no Estado do Piauí.

Ainda muito pequeno, o pai mudou-se com a família para a cidade de União e depois para a progressiva cidade de Parnaíba, em busca de dias melhores.

Lã, o jovem José deu início aos seus primeiros estudos, com professoras particulares, que recebiam alunos em suas próprias casas, em regime de aprendizado doméstico, o que elas, por sua vez, tinham recebido de outras mestras antigas.

A educação ou aprendizado, como se dizia então, consistia invariavelmente de:

PORTUGUÊS: - Caligrafia; - geralmente tão rebuscada que mais parecia uma arte de florir as letras, e cópia à tinta, com pena de "ferro-alemão", importada diretamente da Europa, pelas melhores bodegas do Mercado Municipal. A cópia não podia ter nenhum borrão, pois caso isso acontecesse, a mestra, ciosa de seu bom conceito, era obrigada por tradição antiqüíssima, a colocar o aluno, de joelhos, sobre caroços de milho, à porta da rua, com um cartaz de cartolina preso ao peito, com os dizeres:

- ESTOU DE CASTIGO PORQUE SOU UM PORCO; BORREI MINHA CÓPIA !

Estas famigeradas cópias eram, quase sempre, textos de versos inflamados de algum poeta condoreiro e, de preferência, conterrâneo; aliás, material abundante na vasta coletânea daquela literatura fácil de encontrar nos livros de cordel de qualquer cidadezinha do Norte-Nordeste que se preze, ou drama de fundo religioso, coroado com um milagre que causasse profundo impacto naquelas almas puras e simples.

ARITMÉTICA: - Desdobra-se em quatro terríveis partes: - SOMAR - SUBTRAIR - MULTIPLICAR - e - DIVIDIR.

"Matematicamente", aos sábados, havia arguição sobre matéria destes quatro fantasmas, daí o epíteto terrível de "sabatina", mesmo porque, em suas regras, continha o castigo de dar bolos de palmatória naqueles que cometessem o menor tropeço no "refrãcantado" de:

1 mais 1, dois; 2 mais 2, quatro; 4 mais 4, oito; ou, 1 "vez" 1, um; 2 "vez" 2, quatro; 4 "vez" 4, deses seis; e assim por diante, como num ritual de "ladainha-cantada" em louvor a algum santo de grande devoção.

O último estágio do período de aprendizado-doméstico, e isso mesmo só para os filhos de família distinta, consistia, para os rapazes, em decorar e declamar versos de fundo heróico e, para as moças, versos de fundo "romântico-meloso".

Daqueles que conseguiam ultrapassar estas etapas com sucesso, as professoras-domésticas procuravam as mães dos prodígios e aconselhavam-nas, muito modestamente, a que lhes fossem dadas possibilidades em outros centros mais adiantados, pois em Parnaíba o "mestrado" já havia esgotado todos seus recursos pedagógicos.

O problema era resolvido, normalmente, mandando as moças para o convento, aonde as meninas aprendiam, gratuitamente, mais rezas, mais conduta cristã, mais bordados, mais rudimentos de piano, canto coral para ajudar nas missas e reacendiam nas freiras esperanças de que algumas daquelas meninas acabassem se tornando freiras também; mas o que geralmente acontecia era que os rapazes mais modestos economicamente iam, aí, procurar seus ideais de esposas-modelos para seus lares, com estas "flôres castas e prendadas"; dando assim prejuízo ao parco tesouro do convento e frustrando as freiras nos seus intentos vocacionais.

Para os rapazes, acontecia um pouco diferente, pois

a maioria que ia para o seminário, ao chegar a época de professar as "ordens menores", alegavam falta de vocação e desistiam, dando assim, também, prejuízo ao seminário e frustração aos padres, que perdiam uma bela chance de arranjar uma leva de futuros colegas de evangelização de "ovelhas desgarradas".

À pequena parcela de alunos que tinham algum recurso, cabia a melhor sorte de emigrar para terras distantes, a fim de tentar uma faculdade e se tornar, para honra e glória da família e da cidade, em mais um DOUTOR de anel no dedo.

Mas os eventos da boa sorte <sup>não</sup> estavam favoráveis, em Parnaíba, para o velho Patriotino Rebello, pai do jovem Zé-Pires. Assim sendo, aceitou o convite que lhe fez seu primo, Ten. Fileto Pires Ferreira, àquela época Interventor no Estado do Amazonas, para ser Secretário do Interior, de seu Governo.

Deixando a família em Parnaíba, o velho Patriotino foi para Manaus com a esperança de, tão logo adaptar-se, mandar buscar a família. Mas em pouco tempo contraiu uma febre palustre e morreu.



" D O N A T U N I C A E S U A S L E N D A S "

À testa da pequena loja comercial chamada Loja Parnaíba, de propriedade da família, ficou então a mãe do jovem Zé-Pires, Dona Antônia de Lima Castello Branco Pires Ferreira, mais conhecida como "Dona Tunica".

Mulher de grande fibra, dignidade impoluta, enorme capacidade de trabalho e imensa crença religiosa. A tal ponto que, quem não era CATÓLICO APOSTÓLICO ROMANO praticamente era, no seu conceito, apenas um animal irracional ou filho do demônio.

Aconteceram muitos episódios pitorescos na vida desta extraordinária matriarca da família dos Castello Branco Pires Ferreira Rebello. Tantos, talvez até justificassem a feitura de um outro livro de reminiscências.

Vejamos alguns.

" AS MENINAS CASADOURAS "

Lendária, era comum ouvir-se dizer que quando suas filhas estavam em idade de casar (o que, naquela época, situava-se por volta dos quinze aos dezoito anos), D. Tunica "peitava" (é bem esse o termo), peitava os rapazes que se aproximavam das suas meninas com o intuito de flertá-las e dizia com voz bem autoritária:

- Escute aqui seu fulano, se o senhor é um homem de vergonha, Católico Apostólico Romano, trabalhador e responsável, vá namorar minha menina na minha sala de visitas, aonde todo mundo possa ver e dentro de três meses peça-a em casamento; mas se não tem boas intenções, afaste-se agora mesmo ou vai haver-se comigo.

Invariavelmente dava certo; ou porque o tal fulano já estava com a "boa intenção", pois gostava da menina, ou medrava "na hora", ante a fama de D. Tunica, e fugia espavorido daquela "onda de sáia" defendendo seus filhotes.

E foi assim que D. Tunica conseguiu casar todas as suas filhas solteiras, quatro ao todo, menos uma que já nasceu doentinha, a Sinhazinha Dona Magdã, como era chamada pelos serviçais.

9

" O CABLOCO E O JUMENTO "

3

Quando estavam calçando a famosa Praça de Santo Antônio, aonde Dona Tunica morava, aconteceu que certo dia, um cabloco espancava um jumentinho que carregava areia em caixote de madeira, para colocação e alinhamento dos paralelepípedos, quando D. Tunica, assomando à janela de sua casa, gritou para o cabloco:

- NÃO BATE NO OUTRO, ANIMAL !

Assustado pelo tom e a fama de D. Tunica, o cabloco parou de chofre, com o relho ainda no ar.

D. Tunica, muito viva, fingiu ter saído da janela, mas deixou-a semi-cerrada e ficou à espreita do incauto, olhando-o através da fresta entreaberta.

Pensando que D. Tunica tivesse deixado o palco da contenda, o cabloco voltou a espancar o pobre do jumentinho, agora com fúria redobrada, pois além do motivo de falta de cooperação no trabalho, pelo animal, havia também mais um motivo: a vingança dos desaforos recebidos.

Num piscar de olhos, D. Tunica estava rente ao atônito cabloco e tomando-lhe o chicote, "desceu-lhe o sarrafo", gritando:

- Toma, seu covarde; isto é para você ver como é bom bater no seu irmão !

" SEU ZECA E A MELHOR LENHA DE PARNAÍBA "

Um certo dia, foi preciso cortar uma mangueira secular, no fundo do quintal de D.Tunica, para que desse lugar a mais um "puxado" na casa.

Acabada a derrubada e o corte das toras da imensa mangueira, resultou um monte de lenha de mais ou menos cinco metros cúbicos.

Mulher enérgica, prática e econômica, D.Tunica resolveu vender aquela lenha e, para tanto, procurou o maior comprador daquele tipo de mercadoria, Senhor José de Moraes Correia, Presidente da firma Moraes Correia S.A..

Chegando aos escritórios da firma foi entrando e perguntando:

- CADÊ O ZECA !

Convidada a sentar-se em uma cadeira da sala do escritório, enquanto um funcionário diligente ia chamar "Seu Zêca", não aceitou o "mal alvitre", dizendo:

- Não sou velha ainda a ponto de não poder ir ao encontro dele !

Ato contínuo e para espanto de todos os presentes, foi entrando por salas e corredores, até o fundo da fábrica, junto às caldeiras, aonde estava o ZECA.

Este, solícito e respeitoso, veio ao seu encontro, dizendo:

- Bom dia D.Tunica ! A que devo a honra e o prazer desta visita ?

- Vim tratar de negócios; estou lhe oferecendo cinco metros cúbicos da melhor lenha de Parnaíba.

"Seu-Zêca", todo sorridente, disse-lhe:

- Como a senhora está afirmando que tem a melhor lenha de Parnaíba, eu lhe pago o melhor preço do mercado; dou-lhe cinco mil réis pelo metro cúbico !

- Negócio fechado; mais fique sabendo que, se o preço não estiver correto e você estiver me roubando, eu volto para nós acertarmos as contas !

" FLORZINHA E A SUNÇA PICHINCHA "

Na Rua do Riachuelo, moravam duas moças que se chama-vam Flor de Maria e Maria de Assumpção, de Tal.

Sem atrativos pessoais, sem dotes pecuniários ou qual-quer outro dote favorável, e além disso, muito faladeiras das vi-das dos outros, não conseguiram arranjar casamento e ficaram sol-teiras, ou "deram o tiro na macaca", como se dizia em Parnaíba.

De estaturas pequenas e mirradinhas, foram alcunhadas de Florzinha e Sunça (corruptela de Assumpção) Pichincha (pichin-cha quer dizer, mirrada).

Num certo dia, quando a estação de banhos de mar na vizinha cidade de Amarração, na costa do Piauí, as Pichinchas tiveram a má sorte de se hospedarem "parede e meia" com a casa em que se hospedava D.Tunica.

Uma tarde, quando o mar estava calmo, o céu azul de anil, e ninguém na praia que ficava a poucos metros das casas, D. Tunica, vestindo uma bata comprida, de grosso moim branco, com al-gumas anáguas por baixo, toalha ao pescoço e uma cuia na mão, foi sentar-se à beira da água, e quando as mansas ondas vinham que-brar-se no seu regaço, ela enchia a cuia e despejava-a na cabe-ça, muito feliz da vida.

Eis se não quando as duas fofoqueiras, que não per-diam vasa para debochar de qualquer pessoa, chegaram à janela e acharam aquele quadro um "prato cheio" e começaram a rir e a de-bochar.

Para D.Tunica aquilo era um desaforo sem precedentes e, como não era mulher de levar desaforo para casa, levantou-se, foi ao encontro das duas e em frente à janela em que elas se encontra-vam. E cara a cara, disse-lhes:

- De quem vocês estão rindo ?

- De mim, que sou uma senhora de respeito e posição social?

- Que quando era moça fui bonita e arranjei marido ?

- Melhor rir de vocês mesmas, que nunca foram nada, sempre foram feias e jamais arranjaram marido !

Dizem que até hoje as Pichinchas estão correndo !

Mas voltemos ao nosso Zê-Pires.

Com a morte do pai e a dureza dos controles de D.Tunica, a vida do nosso rapaz não estava nada fácil; imagine-se sõ, que por qualquer "dá cá aquela palha", o "sarrafo cantava solto", ou então D.Tunica inventava os castigos mais exóticos possíveis.

Certa feita, apenas porque ele tomou um pedaço de do ce de uma das suas irmãs, D.Tunica, para cortar-lhe a empáfia de machura, vestiu-o com uma saia da irmã que tinha sido prejudicada e fê-lo tricotar bilros numa almofada de fazer rendas, sentado na porta da rua, para que todos os moleques amigos dele o vissem na quella situação ridícula.

Mas o nosso rapazinho também não era fácil.

De outra feita, ap<sup>o</sup>s o jantar, por volta de sete ho ras da noite, nosso Zê-Pires brincava com a molecada na Praça San to Antônio, de "pegado e pegador" ou da "manchá", como se chamava em Parnaíba naquela época.

A brincadeira consistia em ficar um garoto como pega dor e os outros se escondiam nos lugares mais difíceis, mesmo pe rigosos, até que o pegador encontrasse um qualquer e aí a brinca deira recomeçava.

Um dia Zê-Pires foi-se esconder e ninguém o acha u, por mais que o procurassem.

Passado longo tempo, ele chegou rindo e trazia na mão uma tibia toda carrunchada para provar que, se ninguém o acha ra, era porque ele se escondera no cemitério.

A notícia do incrível feito espalhou-se rapidamente e, logo, chegou aos ouvidos de D.Tunica, que mandou-o devolver ime diatamente a tibia, ao túmulo profanado, para alegria do defunto, que não estava nada satisfeito com a experiência de ser coxo depois de morto.

E mais uma vez o sarrafo correu solto nas costas do nosso Zê-Pires.

Mas como não há bem que sempre dure, nem mal que nun ca se acabe, chegou, para felicidade de todos, o convite para que Zê-Pires fosse mandado para o Rio de Janeiro, a fim de continuar os estudos interrompidos.

O bemfeitor era o Dr. Joaquim de Lima Pires Ferreira,

advogado militante no Forum do Rio, Deputado Federal pelo Estado do Piauí e irmão de D.Tunica.

Alí chegando foi, por obra e graça da política, matri culado no famoso Colégio Pedro II, cujo Diretor era então o Bispo Dom José de tal, cuja direção era mais dura que as pedras que cal çavam o pátio interno do colégio.

Dom José "Durão" - tal era o seu cognome - sabedor que foi de que seu xará Zê-Pires era filho de uma viúva que morava no longínquo e pobre Estado do Piauí, achou que era hora de fazer uma "mediazinha" com o Bom-Deus. Dando uma ostentosa demonstração de bondade, aceitou o matuto piauíense, matriculando-o.

Zê-Pires deu de saída dois azares: um, foi chegar quando o ano letivo já ia a meio caminho; e o outro, que a tri meira aula que ele teve de assistir foi de Francês, matéria que ele nunca tinha visto, nem mesmo em livro fechado.

Modestamente, nosso herói procurou sentar-se no fundo da sala. Mas o professor, homem com larga reputação de bondade, no tando a presença daquele tímido rapaz, querendo talvez estimulá-lo, perguntou-lhe:

- Meu filho, porque você está chegando tão atrasado para o ano letivo ?

- É porque eu sou do Piauí !

A gargalhada foi geral.

Paciente e bondosamente, o professor insistiu:

- Vai ver, quem sabe, você conhece o presente do indi cativo do verbo AVOIR ? (pronuncia-se avuar).

Zê-Pires pensou: pílulas, no Piauí o verbo é VOAR, mas vai ver que aqui no Rio é diferente, pois eles dizem, AVUAR..E respondeu:

-Sei, sim senhor.

- Eu avôo - Tu avôas - Ele avôa - Nós .....

Foi um pandemônio na sala.

Acontece que o nosso Zê-Pires era uma cabeça privile giada e tinha uma incrível sede de saber.

No fim do ano letivo, ele era o primeiro aluno da classe, em todas as matérias, incluindo-se o Francês...

Depois que se firmou no colégio, nunca mais tirou no ta menor que dez.

Veza por outra, ele ainda fazia uma traquinada e con tam que o tal Bispo Dom José-Durão, dizia:

- Sô não lhe boto no olho da rua, porque você é um orgulho para o Colégio Pedro II.

Terminado o Cinásial nosso herói, por influência do Marechal Firmino Pires Ferreira, outro irmão de D.Tunica, ingressou na Escola Militar da Praia Vermelha. De lá, foi expulso por ter ade rido à revolução fracassada para depor o Presidente da República, reação culminante dos idealistas liberais contra a prerrogativa do Estado de ferir o sagrado direito de propriedade privada, à época da Campanha de Osvaldo Cruz.

Deportado para a cidade de Porto-Alegre, no Rio Gran de do Sul, passou muitas dificuldades, até que conseguiu entrar em contacto com tio Quincas (o Deputado), que lhe mandou dinheiro pa ra voltar e matricular-se na Faculdade de Direito do Rio de Janei ro; ali novamente foi o primeiro da turma, com brilhantismo, con tinuando sua particular tradição de sô tirar nota dez.

Depois de formado em Advocacia, seu tio Quincas, ami go e colega de turma do Dr. Lauro Müller, então Ministro do Exte rior, arranjou para o recém Dr.Zê-Pires, como passou a ser chama do, a nomeação para ser Funcionário do Consulado Geral do Brasil na Cidade do México.

O jovem Dr.Zê-Pires teve permissão para ir despedir-se de sua mãe, em Parnaíba. Mas em lá chegando, conheceu uma gla murosa senhorita, que se chamava Nympha Tote Candã Vêras. A mãe da moça, Dona Lavínia Lídia Tote Menêzes também era viúva e até de segundas núpcias, e professava o mesmo código de regras para o na moro e casamento de D.Tunica. O jovem Dr. passando a visitar dia riamente a moça, de repente viu-se tomado de paixão e de "compro - misso moral perante a sociedade". Foi então que pediu a moça em casamento. Corria o ano de 1908.

Isto significava renúncia ao cargo no México e ter de assumir pesados encargos de família, aos 25 anos.

Casado, resolveu ficar em Parnaíba, quase como queren do provar que às vezes o mesmo lugar pode ser atingido duas vezes por um raio, receber a reprovação de Tio Quincas, que ficou fulo

de raiva e cortou relações com o sobrinho, por largo tempo.

D.Tunica de imediato, entregou a chefia da Loja Par naibana ao promissor e talentoso jovem. Devido, porém, ao seu per fil de intelectual, e não sem a menor vocação para comerciante, aca bou não tendo sucesso na empreitada. Retirou-se da firma e abriu a banca de advocacia, que até hoje tem a fama de ter sido impolu ta, honrada e generosa, uma banca excepcional como a que Parnaíba viu. É que o Dr.Zê-Pires, além de defender os que lhe podiam pa gar os serviços de advogado, também defendia gratuitamente os po bres que a ele recorriam. A esses, se juntava uma legião de desa vergonhados, aproveitadores, que falsamente alegavam não terem con dição de pagar seus serviços profissionais.

Dr. Zê-Pires também tornou-se lendário, não só por suas atividades no Forum, mas pela bondade infinita, que revelava no dia a dia, no convívio com as pessoas. Ele não só irradiava bondade. Ele a concretizava, muitas vezes, por atos de ajudá mate rial aos necessitados e de amparo aos desvalidos. Mas, a forma mais significativa e profunda dessa bondade infinita, ele deixava transparecer no seu amor aos jovens, no apoio que lhes dava para o estudo, na preocupação em transmitir-lhes fê no progresso do nordeste e no futuro do Brasil, na confiança que incutia neles próprios e nas suas pontecialidades individuais.

Acreditando em um Deus-Universal não seguia, no entã to, nenhuma religião revelada; mas sua vida era, em todos os sen tidos, a de um São Francisco Mirim, a tal ponto, que seu socorro aos deficientes, deserdados da sorte, aos pobres de pecúnia, aos doentes sem recurso, às decaídas na escala social, enfim, a quem precisasse dele, não tinha hora nem dia, pois o menor aceno de pe dido de ajuda, lá estava ele pronto a emprestar seu imenso pres tíglio, sua sublime compreensão e seu pouco dinheiro. Não era rico de recursos materiais, e bem que poderia tê-lo sido e muito, se fosse ganancioso e não tivesse um coração que o fez, naquela épp ca, o maior credor do amor do povo de Parnaíba.

Isto é tão real, que um seu aluno, hoje militante em Brasília escreveu, àquela época, um livro sobre sua vida, cujo título é:

O PRECEPTOR DE PARNAÍBA, título muito adequado e mais que justo.

Tudo isto é tão real, que o antigo Ginásio Parnaibano e a Escola Normal têm o seu nome.

17

" A S M E N I N A S D O Q. G. "

Naquele Piauí da década de 30, a estrutura social da população da cidade de Parnaíba era dividida em setores estanques, com poucas concepções de um para outro, principalmente de cima para baixo. Da elite, faziam parte o rapaz e a moça; da plebe, o cabo-clo e a cunhã. A segregação social era rígida e não admitia misturas.

A assistência médica era feita por quatro ou cinco médicos, com os seguintes critérios: atendiam à classe alta em suas casas; à classe média, em seus consultórios; aos pobres, na Santa Casa de Misericórdia, mantida em parte pela Prefeitura e em parte por doações da classe alta.

Existiam setores da sociedade que viviam marginalizados totalmente, comparáveis, talvez, somente aos intocáveis da Índia. Um desses setores compreendia as prostitutas do "Quartel General" da Quarenta, ou Q.G. como chamavam vulgarmente. Quando qual quer dessas infelizes contraía uma das pavorosas doenças da profissão, nenhum médico tinha "peito" para ir ao Q.G., ou atendê-la em seu consultório, pois a infeliz, como os párias da Índia, "maculava" o ambiente e nenhuma senhora, quer da classe alta, quer da classe média, poderia daí em diante frequentar aquele consultório contaminado por presença tão maculante.

Por sua vez, tão pouco a infeliz podia ser atendida na Santa Casa de Misericórdia, porque sua presença ofendia a santidade das Freiras que serviam de enfermeiras naquele nosocômio "público". Dramática, difícil e triste era a posição das pensionistas do Quartel General da Quarenta. Em desespero, elas lançavam mão do último recurso, delicado e perigoso, que lhes restava, pois sabiam que assim fazendo punham em xeque a reputação de um cidadão de alto conceito na sociedade local. Escreviam então um bilhetezinho, mandado quase às escondidas, para essa única pessoa que as poderia salvar.

- "Dr. José Pires,

pelo amor que o Sr. tem à Sua Senhora e aos seus filhos, não me deixe apodrecer viva. Venha me salvar, pelo Amor de Deus. "

7

Nesta época, Parnaíba possuía três ou quatro automóveis de praça. Um deles pertencia ao motorista chamado Arthur de Tal.

- "Arthur,

procure o Dr. Fulano e diga a ele que eu lhe peço para me acompanhar à casa daquelas infelizes meninas que moram no Q.G.."

Arthur saía à procura do médico, mas antes passava pelo Q.G. e avisava que o Dr. José Pires estaria lá em poucos minutos, com um médico para atender ao chamado da "infeliz" menina" doente. Era um corre-corre tremendo. Os fregueses presentes se aviavam para não serem vistos, pois alguns gozavam de boa reputação na sociedade local e lá se encontravam apenas para tomar uma cervejinha bem gelada, enquanto jogavam umas partidinhas de gamão, só para matar o tempo. As pensionistas corriam aos seus quartos para tirarem as maquiagens pesadas e colocarem vestidos mais de acordo com acontecimento tão importante para elas.

Ao fim da consulta, a receita era mandada aviar, sem ônus para a doente, na Farmácia Parnaibana do Dr. Genésio Pires, ir mão do Dr. José Pires, às expensas dele.

O médico, missionário neste caso, sentia sua consciência um pouco mais afinada com o juramento de Hipócrates, afrontando então sem muito risco, aquela super rígida e convencionalmente hipocrita sociedade local. A comunidade quedava-se muda ante o gesto magnânimo e corajoso daquele São Francisco Mirim e uma aprovação tácita cobria a cidade.

Certa vez o Destino ou Deus quiz talvez testar aquele São Francisco Mirim e uma noite em que ele voltava de uma festa de aniversário em casa de parente, acompanhado da esposa e filhos, por acaso cruzou em seu caminho uma daquelas infelizes por ele socorrida antes. Luta violenta de consciência travou-se feroz no cérebro da prostituta:

- "Que fazer?, meu Santo Deus ? Voltar e fugir do encontro (que ela imaginava) embaraçoso para ele ? Mas esse gesto poderia ser mais embaraçoso ainda ! ... Seguir em frente e fingir não conhecê-lo e, assim, não ter a obrigação de cumprimentá-lo ? Poderia parecer até um gesto de ingratidão ... Que fazer, meu Deus do céu ? Que fazer ? ..."

Mas o lapso de tempo consumido pelas dúvidas atroz foi bastante para obrigar o encontro. A pobre coitada, com os olhos

quase "gritando" um pedido de perdão, fez de leve, muito de leve, um movimento quase imperceptível com a cabeça, um pequenino meneio em sinal de cumprimento e respeito. Inteligente e perspicaz, ele compreendeu, num relance, todo o terrível drama de consciência por que estava passando aquela decaída; e num gesto calmo, simples como se estivesse respondendo ao cumprimento de uma dama da sociedade, levantou o chapéu e respondeu:

- "Boa Noite, minha filha, como vai ? ... "

As luzes das estrelas brilharam então mais alegres nos olhos marejados de lágrimas da infeliz moça do Quartel General da Quarenta.

" T I P O S E X Ó T I C O S "

Hoje, não mais saboreamos a vida como antigamente, mas apenas travamos luta renhida para sobreviver. Na voracidade desta luta todos nós perdemos um pouco da condição de parcela conhecida na comunidade a que pertencemos e somente os mais hábeis se destacam.

Uma das primeiras vítimas deste fenômeno sócio-econômico foi o tipo folclórico, abundante, que sumiu no anonimato coletivo das massas. Grande e variada era a fauna Parnaibana desta espécie quase extinta, mas ainda são lembrados, com saudade, alguns exemplares destes "homus caricatus".